

O Panorama Moral e Social no Fazer Docente em Campo Grande-MS e suas Escolhas Éticas: Dilemas e Implicações

Teaching Moral and Social Landscape in Campo Grande-MS and the Teacher's Ethical Choice: Dilemmas and their Consequences

Antonio Sales^{ab}; Clodoaldo Almeida dos Santos^c; Erlinda Martins Batista^b; Luis Mauro Neder Meneguelli^{ad}

^aUniversidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino e Saúde. MS, Brasil.

^bUniversidade Anhanguera Uniderp, Programa de Pós-Graduação Stricto Sensu em Ensino de Ciências e Matemática. MS, Brasil.

^cRede Estadual de Ensino de Mato Grosso do Sul. MS, Brasil.

^dUniversidade Anhanguera Uniderp, Curso de Engenharia Elétrica. MS. Brasil.

*E-mail: profesaes@hotmail.com

Resumo

Este trabalho discute os problemas éticos cuja contextualização abrange as vivências de seus autores, em suas práticas pedagógicas, mais especificamente, os contextos escolares de escolas públicas, nos quais se colocam diariamente os professores, diante do número crescente de profissionais da educação que se ausentam do trabalho amparados em atestados médicos ou laudos psiquiátricos, em razão de adoecimento no trabalho docente, em seu contexto escolar. O objetivo geral foi analisar os problemas éticos enfrentados por professores da rede de educação básica pública, bem como suas consequências para professores e para a educação como um todo. Como hipótese de tal projeto se supõe que o professor não está preparado para gerenciar os conflitos éticos decorrentes da sua prática docente. A metodologia utilizada foi da pesquisa qualitativa em educação sobre a observação sistemática da participação dos professores em palestras utilizadas como oficinas para a Rede Municipal de Ensino de Campo Grande, MS em maio de 2019, nas quais foram aplicados questionários sobre os problemas éticos com os que eles têm se defrontado. Os resultados foram coletados a partir das respostas aos questionários. As análises das respostas obtidas nessa abordagem permitiram alcançar percepções, impressões e intuições fundamentais para a conclusão de caráter subjetivo.

Palavras-chave: Dificuldades Docentes. Problemas Escolares. Prática Pedagógica. Eticidade.

Abstract

This work discusses on the ethical problems whose contextualization encompasses the experiences of their authors, in their pedagogical practices, more specifically, the public schools contexts, in which teachers are placed daily, in view of the growing number of education professionals who are absent from education. work supported by medical certificates or psychiatric reports, due to illness in the teaching work, in their school context. The general objective was to analyze the ethical problems faced by teachers in the public basic education network, as well as their consequences for teachers and for education as a whole. As a hypothesis of such a project, it is assumed that the teacher is not prepared to manage the ethical conflicts arising from his or her teaching practice. The methodology used was qualitative research in education on the systematic observation of the teachers' participation in lectures used as workshops for the Municipal Education Network of Campo Grande, MS in May 2019, in which questionnaires about ethical problems were applied with them which they have been facing. Results were collected from the responses to the questionnaires. The analysis of the responses obtained in this approach allowed to reach fundamental perceptions, impressions and intuitions for the conclusion of a subjective character.

Keywords: *Teacher's Difficulties. School Problems. Pedagogical Practice. Ethics.*

1 Introdução

Este trabalho apresenta uma investigação sobre a ética na prática docente a partir de um trabalho realizado com professores das escolas públicas da Rede Municipal de Educação de Campo Grande – MS, que estiveram presentes no evento, composto de Palestras e Oficinas, organizado pelo Setor de Formação Continuada da Secretaria Municipal de Educação (SEMED), no mês de maio de 2019.

Como forma de colaborar com a proposta da SEMED, o grupo de pesquisa sobre Ética da Prática Docente apresentou uma palestra, com espaço para questionamentos. Esta palestra foi repetida para três grupos diferentes de professores, conforme escala elaborada pela própria SEMED, no período de dez dias úteis. Dessa experiência surgiu o presente trabalho,

tendo como referência os seus depoimentos coletados em formulários aplicados durante a realização do ciclo de palestras, bem como de uma avaliação final escrita pelos próprios professores.

Ao final de cada palestra foi solicitado que, aqueles que desejassem deveriam se pronunciar, espontaneamente, não avaliando a palestra ou o palestrante, mas sobre a relação entre o que foi apresentado e a sua experiência em sala de aula. Cada um deveria assinar um termo de autorização para a análise da sua escrita, uma vez que o grupo ETHOS conduz uma pesquisa aprovada pelo Comitê de Ética da UNIDERP.

Considerando que os resultados da pesquisa mostraram que os problemas enfrentados pelos referidos professores tangenciam os dilemas éticos, e que no âmbito de suas práticas escolares, nem sempre podem se fazer ouvir, e que

tais dilemas continuam, pois a ética não é discutida nesses contextos e se justifica este trabalho.

O objetivo geral foi analisar quais são os dilemas éticos vivenciados pelos professores da rede pública municipal de Campo Grande – MS. Entre os objetivos específicos se buscou identificar, quais são os dilemas éticos que tangenciam as práticas pedagógicas e, a partir dessa identificação, averiguar as contribuições dos professores.

2 Material e Métodos

O projeto que origina o presente artigo foi desenvolvido no método da pesquisa qualitativa em educação, conforme as ideias de Bogdan e Biklen (1994) sobre a investigação de caráter subjetivo, isto é, realizada com seres humanos. Nesse sentido, os autores citados afirmam:

Na investigação qualitativa a fonte directa de dados é o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal. Os investigadores introduzem-se e despendem grandes quantidades de tempo em escolas, famílias, bairros e outros locais tentando elucidar questões educativas. Ainda que alguns investigadores utilizem equipamentos tais como: vídeo ou áudio, muitos limitam-se exclusivamente a utilizar um bloco de apontamentos, e um lápis (BOGDAN; BIKLEN, 1994, p.47, grifo nosso).

Portanto, o presente estudo é resultado de uma experiência vivida no curso de formação continuada de professores da rede pública municipal citada, cujo título da atividade proposta foi: “dilemas éticos da prática docente”. O tema se mostrou instigante, segundo a fala de professores presentes na palestra, e a participação foi voluntária. Cumpre destacar que havia a possibilidade de o professor escolher outros temas, que foram oferecidos concomitantemente, portanto, os que se inscreveram fizeram-no pelo interesse pessoal no tema ou por curiosidade.

Aproximadamente, 80 professores participaram em três turmas distintas, (cada turma variando de 20 a 40 professores) e os indicativos são de que nenhum tinha ideia do que se tratava no que se refere à temática explicitada: dilemas éticos na prática docente. Dos outros temas do evento, muitos estavam relacionados com proposições didáticas específicas e gerenciamento escolar, enquanto este, inicialmente, lhes sugeria uma discussão sobre regras de postura, conforme asseguraram.

No entanto, esta pesquisa, pela sua natureza, buscou compreender as singularidades e os significados dos discursos do professor, quando lhe é dada a oportunidade de falar (MINAYO, 2017).

Antes de iniciar as atividades (palestra e discussão) sobre os dilemas éticos foi dada a oportunidade de cada um expressar o que pensava sobre o assunto em um pequeno texto escrito. Após informar que o material seria usado para a produção acadêmica foi dado a eles a opção de entregarem o material produzido ou não. Alguns não entregaram. O objetivo de tal atividade inicial foi mapear as ideias dos participantes no sentido de averiguar quais são suas concepções sobre os

dilemas éticos ou se já haviam pensado sobre o assunto.

Ao término de cada atividade se sugeriu aos participantes que realizassem uma atividade escrita, na qual lhes foi orientado que expressassem o que aprenderam sendo também, voluntária a devolução. A coleta prévia tinha por finalidade verificar a familiaridade que possuíam com o tema e se constatou que se tratava de uma abordagem nova para eles.

A coleta posterior teve por objetivo avaliar o impacto da palestra: a a questão que norteou a escrita foi: “Haviam se encontrado no labirinto ético da presente época”? E ainda: “Levavam consigo alguma ideia que pudesse provocar um debate no ambiente de trabalho”?

Dos textos produzidos por eles foram extraídos alguns excertos e algumas ideias foram analisadas, conforme a teoria de análise de conteúdo de Bardin (2010), que conceitua análise de conteúdo como uma técnica de investigação, que consiste em descrever objetivamente, de forma sistemática e quantitativa.

Portanto, a análise do conteúdo das escritas realizadas, pelos participantes da palestra mencionada, deve apontar, nas palavras dos professores questionados, a natureza das dificuldades que esses têm vivenciado, diariamente, em suas práticas pedagógicas e sociais, no âmbito das escolas nas quais atuam.

Os procedimentos utilizados nas análises deste trabalho são particulares da análise de conteúdo. Campos (2004), por exemplo, fala do pressuposto de que há uma riqueza de polissemia na fala humana. Entende manifestos explícitos que conduzem o pesquisador a uma análise objetiva o coloca em contato com a subjetividade do participante. O texto, apesar de conter uma mensagem direta, é produto de um contexto social e histórico que sugere ao pesquisador buscar nas entrelinhas indícios dessa historicidade. No entanto, o autor citado destaca a necessidade de se proceder “em leitura flutuante” do texto para que se tenha uma ideia da sua estrutura e possam fluir “impressões e orientações” que possibilitarão uma análise subjetiva mantendo a coerência. Na sequência há a seleção das unidades de análise, que responderão as questões de pesquisa e conduzirão a recortes do texto (unidades temáticas) cujos agrupamentos constituirão os enunciados ou categorias. Estes agrupamentos podem ocorrer por relevância ou por ocorrer frequentemente (CÂMARA, 2013).

Para fundamentar as análises serão utilizadas as teorias sobre a moral e sobre a ética, conforme a discussão teórica a seguir.

2.1 Pressupostos Teóricos

Para as análises dos fenômenos associados à ética, que permeiam a prática docente, mais precisamente com relação às questões da ética e da moral foram escolhidos cinco construtos teóricos dos respectivos pesquisadores: Sánchez Vázquez (1999), sobre a moral e a ética, Bauman (1997), em suas discussões relativas à ética, Kidder (2007) no que se refere

ao certo e o errado em contextos dos dilemas éticos, Hosseini (2005) em referência à atitude da consciência diante do certo e do errado, e por fim, Freire (2002, p. 66) com suas concepções da autonomia docente ao afirmar que o “inacabamento de que nos tornamos conscientes nos fez seres éticos” .

2.1.1 O surgimento da moral

O processo do surgimento das sociedades primitivas, no qual o homem se distancia, gradativamente, da natureza individual e passa a viver em grupos, tribos, clãs e outros, desencadeia o nascimento de comportamentos coletivos, costumes e ações normativas destinadas ao bem comum. Nesse sentido, as tribos primitivas aliaram o trabalho à união de populações no intuito de fortalecer a lida entre o ser humano e a natureza. Dessa forma, a coletividade ampliou a possibilidade humana de se estabelecer em um Mundo, em que a força individual estava fadada ao perecimento (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1999).

Regidos por códigos não-escritos, essas civilizações deram origem aos primeiros passos da moral que tinha papel primordial de garantir o bem comum. O termo moral é oriundo do latim *mos* ou *mores*, que remete a costume. Nas palavras de Sánchez Vázquez (1999, p.24): “A moral se refere, assim, ao comportamento adquirido ou modo de ser conquistado pelo homem”. Tais costumes estão associados às normas interiorizadas através do hábito. Nesse sentido, moral é a maneira de agir, adquirida através dos costumes.

No Mundo primitivo, a moral estava centrada em definir o que é bom e o que é ruim, no que se refere a ampliar a união dos membros. Para tanto, o trabalho e a coragem, por exemplo, eram tidos como bens morais. Ao passo que a covardia não era tida como virtude, sendo moralmente repudiada nessa época (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1999). Um dos pressupostos morais das sociedades primitivas era o teor coletivista da moral. Assim, a moral era válida para todos os membros do grupo. Logo, não havia divisão de classes nem propriedade privada. Evidente que, em tenra idade, essa moral apresentava contradições, conforme assinala Sanchez Vázquez (1999, p.41):

Mas, ao mesmo tempo, trata-se de uma moral limitada pelo próprio âmbito da coletividade; além dos limites da gens ou da tribo, seus princípios e suas normas perdiam a sua validade. As outras tribos eram consideradas como inimigas e, por isso, não lhes eram aplicadas as normas e os princípios que eram válidos no interior da própria comunidade. [...] A criação de gado, a manufatura, o alto número de escravos em função das guerras foram cruciais para a produção de excedentes, culminando automaticamente no surgimento de diferenças sociais acentuadas, promovidas pela desigualdade de bens. Nesse contexto, surge a necessidade da venda de força e a divisão da sociedade antiga em duas classes antagônicas fundamentais traduziu-se também numa divisão da moral. Esta deixou de ser um conjunto de normas aceitas conscientemente por toda a sociedade. De fato, existiam duas morais: uma, dominante, dos homens livres – a única considerada como verdadeira –; e outra, dos escravos, que no íntimo rejeitavam os princípios e as normas morais vigentes

e consideravam válidos os seus próprios, na medida em que adquiriram a consciência de sua liberdade.

Ao relatar essa mudança histórica e social da moral, Sánchez Vázquez (1999) aponta que a agressão aplicada aos escravos, considerados coisas que podiam ser, inclusive, mortos pelos seus donos, era endossada por grande parte dos filósofos da época e de tempos anteriores, incluindo Sócrates, Platão e Aristóteles. Cabe registrar que as atitudes dos filósofos citados não são condenáveis, uma vez que a responsabilidade moral implica em conhecimento e liberdade e, sendo a moral um elemento histórico, a sociedade em que os filósofos viveram poderia não estar apta a pôr em evidência a questão escravista, já que os costumes da época são relevantes no que se refere à influência social. Os costumes e a moral de um determinado momento histórico surgem antes da vivência dos seres inseridos nessa. Com relação à liberdade, Sócrates, Platão e Aristóteles também não a tinham, conforme aponta Sanchez Vázquez (1999, p.112):

Na antiga sociedade grega, por exemplo, as relações propriamente morais só podiam ser encontradas entre os homens livres e, pelo contrário, não podiam verificar-se entre os homens livres e escravos, visto que estes não eram reconhecidos como pessoas pelos primeiros. O indivíduo - o cidadão da polis - não podia ultrapassar em seu comportamento o limite histórico-social.

Dessa forma, o autor admite que a moral é normativa, posto que é uma construção social com a finalidade de regular as relações humanas.

2.1.2 Conceituações de Ética

Quanto ao aspecto etimológico, o termo ética se assemelha ao termo moral. A palavra ética tem sua origem no grego *ethos*, que indica modo de ser (ou caráter). Entretanto, apesar da semelhança etimológica, hoje, ética e moral assumem significados diferentes. Moral está associada ao costume, ao hábito, o que é normatizado, enquanto ética se refere à reflexão desse hábito, a busca pelo aperfeiçoamento das relações. Nesse sentido, moral é o ato em si, enquanto ética está no campo da análise do ato. De outro modo, a ética é científica, enquanto a moral não. “A ética é a teoria ou ciência do comportamento moral dos homens em sociedade. Ou seja, é a ciência de uma forma específica de comportamento humano” (SÁNCHEZ VÁZQUEZ, 1999, p.23).

Bauman (1993) é outro estudioso que coaduna o entendimento da ética como sendo uma teoria moral. Ele associa o termo ética a um código moral coerente e harmonioso, que é seguido por um ser moral. Ética é a busca pela harmonia social. Está relacionada com o aperfeiçoamento das práticas sociais, mesmo daquelas que estão funcionando a contento da sociedade.

A ética é regida por traços de existência que, segundo Bauman (1997), conduzem para a necessidade de buscar abordagens alternativas de trato para com essa ética. Tais abordagens podem ser aplicadas aos assuntos clássicos como

justiça e legalidade, entre outros. Para esse estudioso, é preciso levar em conta tais marcas, a saber: ambivalência moral do homem, a racionalidade dos eventos morais, ambiguidade da realidade humana, moralidade aporética, tendência moderna de engessar a moral e torná-la irracional e universal. Dentro desta perspectiva, cabe apontar que as relações humanas são complexas e regidas por um sem-número de eventos invariáveis, o que torna a aplicabilidade de um código moral algo utópico e sem eficácia para o encaminhamento das questões morais e éticas. Segundo esse autor:

Mesmo que observemos escrupulosamente essas regras, mesmo que todos ao nosso redor também as observem, estamos longe da certeza de que se evitarão consequências desastrosas. Nossas ferramentas éticas – o código de comportamento moral, o conjunto de normas simples e práticas que seguimos – simplesmente não foram feitos à medida dos poderes que atualmente possuímos (BAUMAN, 1997, p.25).

Diante do exposto se entende que as relações humanas são desencadeadas em meio a situações que criam eventos pautados ora pela ambiguidade da realidade, ora pela ambivalência do ser-humano. É nesse sentido que o supracitado autor não enxerga a possibilidade de que normas ou códigos sejam capazes de conduzir tais relações humanas, contemplando todas as invariantes que possam surgir.

2.1.3 Discussões sobre os Dilemas Éticos

A complexidade existente por conta das relações humanas é permeada por ações individuais pautadas na análise de situações oriundas desse imenso emaranhado de possibilidades. É uma consequência da vivência dos povos em sociedade. Para Bauman (1997, p.29), a ética:

visualiza a pluralidade de caminhos e ideais humanos como um desafio, e a ambivalência dos juízos morais como um estado mórbido de coisas que se deseja corrigir. Em toda a era moderna, o esforço dos filósofos morais visou a reduzir o pluralismo e eliminar a ambivalência moral. Da mesma forma como muitos homens e mulheres vivendo sob as condições de modernidade, a ética moderna buscou uma saída do predicamento em que a moralidade moderna foi lançada na prática da vida diária.

Outrossim, lidar com a ética na pós-modernidade é reconhecer que as interações sociais promovem situações em que se faz necessário tomar decisões aporéticas, ou seja, há momentos na vida em que o indivíduo precisará tomar partido, optando por X e negligenciando Y, sem condições de avaliar as consequências, previamente.

A tarefa supracitada de optar por X ou Y se faz sem definir de antemão qual escolha seria a melhor. Kidder (2007) pontua alguns elementos importantes a serem analisados quando da tomada de decisão, ou da escolha a se fazer. O referido autor considera a tomada de decisões sobre dois patamares: 1) escolher entre o certo e o errado; 2) escolher entre o certo e o

certo. Para Kidder (2007), o primeiro trata de uma escolha, no âmbito moral, em que o indivíduo pode, eventualmente, ceder a tentações morais e optar pelo errado. No segundo caso, a escolha entre o certo e o certo trata de uma opção situada no campo da ética.

Paradoxalmente, a escolha entre o certo e o certo é uma escolha sem escolha¹. Sem escolha, porque se vê na obrigação de decidir, pois não decidir, nesses casos, é decidir. É ainda sem escolha, porque não é possível prever as consequências. Kidder (2007) define esse fenômeno como um dilema ético. Na docência, tais dilemas decorrem do jogo democrático, do respeito à autonomia do aluno, das proposições que o professor faz e da reação que recebe dos seus pares, do conflito entre o possível e o esperado, entre a proatividade do professor e a reação do seu interlocutor, do conflito entre as perspectivas alimentadas e as possibilidades vivenciadas. Entre as idealidades e a realidade.

Observando a realidade, no âmbito da escola atual, se pode afirmar que há uma máquina de guerra caótica presente, em sala de aula, especialmente, com relação à disciplina que é diferente da disciplina militar. É uma disciplina sem parâmetros.

Segundo Kidder (2007), há quatro paradigmas que situam os dilemas éticos: justiça *versus* compaixão, curto prazo *versus* longo prazo, indivíduo *versus* comunidade, verdade *versus* lealdade.

Isso que aparenta um simples jogo de palavras oculta uma complexidade que nem sempre se percebe. Quem procura pautar as suas ações pela regra do “imperativo categórico” de Kant (KIDDER, 2007, p. 28) de fazer somente aquilo que gostaria, que se tornasse norma universal esbarra na verdade incontestável de que nunca se sabe o fim último de uma ação. Mesmo que essa tenha sido praticada tendo como motivo a mais nobre das intenções, as consequências últimas são imprevisíveis.

Os que se pautam pelo “pensamento baseado em cuidados” (KIDDER, 2007, p. 29) e levam em conta a regra áurea do evangelho de que se deve fazer aos outros somente o que quer que eles lhe façam, podem se insurgir contra a liberdade do outro de esperar que lhe façam diferente. O romancista Hosseini (2005) narra que, certa vez, sentindo a consciência pesada pelo que havia causado ao seu amigo desejou que este lhe batesse, e até o desafiou a isso, como forma de se acalmar. No entanto, como o outro se recusou em fazer o que lhe pedia, Hosseini se sentiu um eterno devedor e voltou para casa se sentindo o pior dos amigos.

2.1.4 Breves considerações sobre a Autonomia Docente

Nas discussões sobre as relações entre as instituições educativas e as respectivas mantenedoras se fala que autonomia é uma referência ao ato de administrar, portanto, só

1 A título de ilustração cita-se a Eutanásia, um direito humano de pôr fim ao sofrimento e ter uma morte humanizada, que é também um crime por atentar contra a vida humana (MORIN, 2011).

faz sentido tratar de autonomia da instituição. Ao indivíduo, nesse contexto, cabe discutir a liberdade de cátedra. No entanto, quando se trata da relação entre o professor e o saber, entre o professor e a sua prática docente, Freire (2002) fala em autonomia do professor, quando afirma que educar é um exercício permanente de uma postura aberta e curiosa. O trabalho docente exige “romper com concepções e práticas que negam a compreensão da educação como uma situação gnosiológica” (OLIVEIRA, 2002, p. 7). Para educar é preciso compreender como ocorre o conhecimento e ter a convicção de que “mesmo do acerto de seu ponto de vista é possível que a razão ética nem sempre esteja com ele” (FREIRE, 2002, p. 9). Em outro momento esse autor expressa o seu conceito de autonomia nas seguintes palavras:

Posso não aceitar a concepção pedagógica deste ou daquela autora e devo inclusive expô-los aos alunos as razões por que me oponho à ela, mas, o que não posso, na minha crítica, é mentir. É dizer inverdades em torno deles. O preparo científico do professor ou da professora deve coincidir com sua retidão ética (FREIRE, 2002, p.10).

Autonomia é a capacidade de ser o que deve ser, ensinar o que deve ensinar, ter um viver ético. A autonomia do professor, portanto, é oriunda da sua condição intelectual. Se manifesta na sua capacidade de justificar as ações, dinamizar a sua didática através de problematizações, de se posicionar, responsabilmente, decidir o que fazer no caso de conflitos que surgem e gerenciar conflitos interiores.

Não se trata de uma autonomia que lhe é concedida por alguém, mas de algo que é conquistado por ele. Não é um decreto que dará autonomia ao professor, mas sua capacidade de saber o que fazer.

Essa capacidade de administrar conflitos que surgem quando tem que decidir entre o certo e o certo não é alguma coisa que lhe é conferida, mas é construída por ele mesmo, através de um trabalho responsável e do domínio do que ensina. É uma conquista pelo respeito e seriedade com que conduz o seu trabalho. É fruto de uma ética pautada na responsabilidade.

Portanto, não cabe ao professor reclamar autonomia, mas construir a sua autonomia, mostrar que tem autonomia. Em suma: desenvolver a autonomia.

3 Resultados e Discussão

As respostas e as exposições durante o encontro indicaram os professores que não possuíam familiaridade com o que estava sendo abordado, o que sugere que temas relacionados à Ética e Moral não são debatidos na escola. Dessa vez, o número dos que entregaram não chegou a 50% e muitos se limitaram a fazer um relato resumido do que ouviram sem emitir opinião pessoal, que permitisse uma avaliação das lições extraídas.

Entenderam que estavam sendo avaliados e que deveriam expressar fatos captados e conceitos construídos durante a palestra. Foram analisadas apenas 13 delas, pela razão exposta. Não era interesse avaliar o aprendizado de fatos ou conceitos, mas as possíveis aplicações à vida.

Vieram, como de outras vezes em outros encontros, em busca de regras de conduta que pudessem nortear o seu fazer, prescrições que pudessem aliviar a “dor” não identificada que sentem no relacionamento professor-estudante-gestão-conhecimento. As análises dos depoimentos coletados no início e ao final das atividades referidas mostraram que, na essência dos discursos, os professores indagados responderam sobre a ética e seus dilemas, no sentido de basicamente duas categorias: dilema e autonomia.

Vale destacar que essas categorias foram criadas a partir da análise da essência dos discursos. Conforme Bardin (2010), a categorização se constitui um método adequado para extrair palavras que representam o conteúdo do discurso. Portanto, o método dessa autora se constitui uma ferramenta na qual se sintetiza o discurso em uma única categoria a partir da síntese do discurso ao encontrar a essência ou conteúdo do mesmo.

O Quadro nº 01 apresenta os discursos de 13 professores investigados no Ciclo de Palestras mencionado, e suas respectivas categorias.

Quadro 1 - Conteúdos dos discursos dos professores da Rede Municipal de Campo Grande, MS

Docentes	Discurso	Essência do Discurso
P1	Descompasso entre o que está nos livros (autonomia do aluno, incentivo à pesquisa, e ao senso crítico etc.) e o que efetivamente está sendo feito por nossos políticos. [...] há muitos dilemas éticos em nossa profissão: posso citar alguns como: 1- desvalorização do professor na sociedade brasileira; 2- todo mundo parece que tem o direito de se meter no trabalho do professor na escola; pouco incentivo ao estudo; baixos salários; condições de trabalho degradante ou ruins; percepção de que o trabalho que está sendo feito é inútil; desmotivação, tristeza, pressão pessoal e profissional; é importante para nós professores ter este espaço para discutir a profissão	Inadequação
P2	Levo comigo, e até com um certo consolo, a compreensão de que ter autonomia é ir além daquilo que proponho quando entendo que o outro também tem uma opinião; e ceder às vezes é necessário para o bem comum.	Autonomia

Docentes	Discurso	Essência do Discurso
P4	A ética deve ser a base da nossa prática didática, servindo como norte que oriente nossas decisões. Mas e quando as situações apresentam limites tão tênues e fica difícil decidir como proceder? Afinal como fazer a escolha certa entre o certo e o certo? Não pense que esta tarde de estudo seria capaz de oferecer todas as respostas possíveis -pelo contrário, creio que você sairia daqui com a mente fervilhando, talvez com mais dúvidas do que certezas. Entretanto não pense que isso é ruim- afinal, não há caminhos prontos receitas ou resposta para todos os dilemas éticos que podemos enfrentar ... mas o desconforto , a quebra de paradigmas, o incômodo pode ser útil quando se usa a zona agradável e confortável e nos faz (re)pensar. O conhecimento liberta mas também é doloroso, contudo, depois que o temos como se conformar ou voltar para ignorância? Se cabe um conselho aqui, digo-lhe a que aceite os desafios que a vida propõe, compreenda que você está suscetível a errar- e tudo bem com isso. Apenas não se conforme com as respostas prontas, questione o que for preciso e procure agir equilibrando a ética e a moral em seus dias. Aceite as dores que sua profissão e sua vida são capazes de proporcionar, crescendo amadurecendo em cada situação vivida.	Autonomia
P13	[...] Sempre vivi querendo não sofrer, apesar das lutas que já enfrentei na fase da Infância e depois, posteriormente, nos anos seguintes. No entanto, já venho há alguns anos me educando para entender, aceitar as diversidades do dia a dia para poder viver melhor. Hoje tive a oportunidade de ficar em contato com esses dilemas, conflitos internos, e desde já me sinto no caminho para este entendimento, que “viver é enfrentar conflitos” e que você deve aceitar as derrotas de forma a entendê-las de forma tranquila para não enlouquecer. Vou me esforçar para colocar em prática o que assisti nesta aula, pois será o melhor para mim.	
P3	Mas, e quando as situações apresentam limites tão tênues e fica difícil como proceder. [...] não há caminhos prontos, receitas ou respostas para todos os dilemas éticos que podemos enfrentar [...]. O conhecimento liberta, mas também é doloroso; contudo, depois que o temos, como se conformar ou voltar para a ignorância.	
P5	Então é utopia pensar em autonomia plena, porém possuímos autonomia intelectual e a busca permanente por conhecimento, estaremos em uma eterna construção	
P6	Escolhemos uma profissão que é um ringue. Ganhamos e perdemos, mas ganhamos muito mais.	
P7	já passei por situações exemplificadas pelo Professor [nome do palestrante] e acredito que você também já tenha passado. Como, por exemplo, ficar entre a justiça e a compaixão na entrega de um trabalho em atraso. [...]e o mais importante que aprendi sobre autonomia é que, mesmo que o nosso currículo seja pronto, temos a autonomia na didática, como darei este conteúdo? Como conquistar o meu aluno para que ele aprenda?	
P8	Nossa profissão docente é basicamente encarar todo o dia diversas realidades que nos confrontam. E, convenhamos, a cada dia é mais difícil passar por essas realidades tomando sempre as melhores decisões. Afinal, nem sempre podemos ver ou prever a qual fim servirá nossa decisão.	Dilema
P9	“A questão é: será que durante a avaliação do mesmo [estudante] devo ou não considerar os fatores externos tal como sociedade, família, classe social, para amenizar o resultado negativo (ou seja, ter compaixão para com ele) ou simplesmente analisar que outros alunos (que estejam nas mesmas condições que este) obtiveram bons resultados, e que ele, portanto, se esforçou mais?”	
P10	“Se o trabalho é coletivo, como atender uma minoria?”[...] “Se na sala de aula existem alguns alunos que não estão interessados em aprender em obter alguma informação ou conhecimento, mesmo que numa sala com 35 alunos apenas 15 queiram, o correto é proporcionar esse conhecimento, informação porque é o correto e para isso você se tornou professor. Não dispenda tempo tentando convencer os outros 20, utilize este tempo para os 15 que se interessam. E não se culpe pelo futuro desses 20 que não querem. Você tem autonomia de decidir pela moral e ética e é responsável pela sua atitude. Fez o certo e o outro também tem responsabilidades por suas escolhas. Cabe à família desses 20 ensiná-los sobre o que devem tomar como prioridade”.	
P11	“Esses pensamentos nos levaram a discutir se os dilemas que vivenciamos hoje faz com que os tornemos éticos ou morais em nossas atitudes como docentes”.	
P12	“Ao transportar isto para a escola, o meu dia a dia, veladamente passou pelos meus olhos interiores. Percebi que não tenho estrabismo, nem miopia”.	Conflito

Fonte: dados da pesquisa.

As categorias, encontradas nas três seções do Quadro nº 01, foram: “Inadequação”, com uma ocorrência (P1) e “Conflito”, com duas ocorrências (P11 e P12), “Autonomia” com três ocorrências (P2, P4 e P13), “Dilema” com sete ocorrências (P3, P5-P10). Dilema foi a categoria mais evidenciada nos discursos sendo que a categoria Autonomia foi a segunda em frequência. Esses dados mostram que predomina a questão dos dilemas nos discursos dos professores investigados.

Para o primeiro professor (P1), o dilema consiste na

presença do contraditório, entre o que está prescrito e o que é praticado. Para ele, se o saber é institucional (CHEVALLARD, 2002) e, se a Educação deve conduzir a algum lugar definido, essas contradições deveriam ser minimizadas. Esse descompasso nas possibilidades de realização da prática da docência, supostamente lhe incomoda. A sua fala merece destaque.

Pode-se observar que o seu olhar está voltado para os fatores externos que incomodam e não para os fatores internos,

intrapessoais, que devem ser trabalhados.

Esse professor está condicionado a pensar que ele não tem espaço a tal ponto de não perceber a oportunidade que lhe aparece, como as formações, os planejamentos. O espaço ainda é pouco, mas não é inexistente. Há uma falta de entendimento sobre o que é um dilema ético nesta fala. Dessa forma, identifica condicionantes sociais e políticos como se fossem dilemas éticos. Parece sentir que há uma inadequação no sistema em relação ao seu trabalho ou vice-versa.

O Professor P2 revelou ter compreendido o sentido de autonomia. Autonomia é como tomar decisões levando o outro em consideração. A autonomia, quando entendida como maturidade, ética, força do autocontrole, o domínio do bom senso e do respeito, a capacidade de agir, controlado pelo compromisso assumido para com o outro, desconhece limites (FREIRE, 2001).

Entretanto, e quando as situações apresentam limites tão tênues e fica difícil, como proceder? O professor P3 mostrou a percepção sobre dilemas éticos ao afirmar: “não há caminhos prontos, receitas ou respostas para todos os dilemas éticos que podemos enfrentar ...” (P3). Dessa forma, esse professor aplicou diretamente em sua vida uma mudança de concepção, identificada através das análises e deu novo significado a uma decisão tomada.

Se não há caminhos prontos, há, no entanto, direcionamentos, orientações teóricas norteadoras, experiências de vida bem-sucedidas no relacionamento com os outros, que podem fornecer suportes para muitas decisões delicadas e resultados imprevisíveis. Há, segundo Kidder (2007), certos valores que são fundamentais e necessários, inclusive, à sobrevivência humana.

Uma conclusão que não pode ser ignorada é de que “O conhecimento liberta, mas, também é doloroso; contudo, depois que o temos, como se conformar ou voltar para a ignorância?” (P3).

No estudo dos dilemas éticos, Kidder (2007) referenda a afirmação de que há “situações que apresentam limites tão tênues e fica difícil decidir como proceder”. Tal situação é evidenciada no depoimento de P3. O autor citado fala na performance ética que deve ser cultivada para fazer frente a esses momentos de tensão e fluidez.

P4 tem a percepção de que há um conflito inerente ao fazer docente, como há em todo trabalho que envolve relações humanas. Evidencia a presença de uma ética de gerenciamento desse conflito.

Nas falas de P5 e P6 estão presentes uma discussão sobre as condições da pós- modernidade, em que predominam o individualismo, as incertezas, as transformações constantes, as decisões de caráter temporário.

Em sua fala, P7 revela ter vivenciado o paradigma “justiça *versus* compaixão”, mas revela ter aprendido como enfrentar outro paradigma: “curto prazo *versus* longo prazo”, quando se preocupa com o que o estudante tem que aprender. Está em jogo o que o estudante quer no presente e o que e ele precisa

para o futuro.

Na realidade P5, P6, P7 e P8 revelaram compreender o que é autonomia, na perspectiva Freireana.

P9 vive um dilema, que se pode denominar “dilema da avaliação”. Quais os fatores que devem ser considerados? Ele pergunta:

A questão é: será que durante a avaliação do mesmo [estudante] devo ou não considerar os fatores externos tal como sociedade, família, classe social, para amenizar o resultado negativo (ou seja, ter compaixão para com ele) ou simplesmente analisar que outros alunos (que estejam nas mesmas condições que este) obtiveram bons resultados, e que ele, portanto, se esforçou mais? (P9).

Este é um dilema para ser enfrentado em cada avaliação, e P9 configura tal como para P7, o paradigma do dilema ético justiça x compaixão, apresentado por Kidder (2007).

P9 segue na mesma linha de raciocínio de P10 levantando outros dilemas, sendo um desses: “Se o trabalho é coletivo, como atender uma minoria?” (P10). Finalmente, chega a uma conclusão que lhe é própria, isto é, que não havia sido induzida pela fala do ministrante. Ele decide como administrar o seu próprio dilema. Essa autonomia de decidir o que fazer, em cada situação e assumir os riscos é o que se espera de um profissional, dado que não é possível prever o que acontece, em uma sala de aula, no contexto da pós-modernidade, conforme afirma Freire (2001) sobre a autonomia do educador.

O objetivo da fala foi proporcionar uma reflexão sobre a ética no atendimento ao estudante. Foi preparar o professor para gerenciar o conflito e não levá-lo a se posicionar radicalmente.

P11 se posiciona em uma região de conflito. Todo esse conhecimento sobre Ética contribui para quê? Questiona ele.

P12 olhava a escola com a suspeita de que estivesse equivocada, estivesse em um ambiente que não era seu. Por isso, afirma que: “Ao transportar isto para a escola, o meu dia a dia, veladamente, passou pelos meus olhos interiores. Percebi que não tenho estrabismo, nem miopia” (P12). Agora revela ter percebido que a incerteza está no contexto e não no professor atuante. Nessa tomada de consciência está a percepção de que é preciso tomar atitude diante do que parece certo, resolvendo, dessa forma, um dilema ético, conforme discute Kidder (2007).

Finalmente, após relatar o caso de um colega que passou por “um processo de sofrimento”, (P13) revela ter encontrado, enfim, uma explicação que o favorece para proteger a sua saúde. Revelou ter assumido a sua autonomia.

Em síntese, os depoimentos de P1 a P13 mostraram que os dilemas éticos, que vivenciam em suas práticas pedagógicas ‘empurram’ esses professores para ações de autonomia com ética, conforme afirma Freire (2001) ao mencionar que a consciência leva à autonomia.

4 Conclusão

Os relatos pessoais revelam, por um lado, facetas de

um labirinto em que o professor se encontra e lhe produz sofrimento. Por outro lado, traz à tona uma necessidade de maior espaço para discutir tais questões. Há indicativos de que o problema do sofrimento do professor e seu baixo rendimento não têm relação com a formação técnica ou com a forma de trabalho, isto é, com sua didática. O problema parece estar em sua formação para o exercício de uma docência pautada pela ética e na capacidade de gerenciar conflitos.

Por outro lado, ainda se tem a ausência de reflexão sobre problemas que, quando vêm à tona, são marcados pela busca de resultados numéricos. A atividade desenvolvida trouxe uma nova perspectiva de olhar a escola.

Acredita-se que a atividade citada, bem como os procedimentos investigativos, que nortearam este trabalho, produziram resultados cujos indicadores não podem ser mensurados em curto prazo, nem tampouco objetivamente por seu caráter de subjetividade. Todavia, a criação da oportunidade para a reflexão, sem dúvida, colaborou para a explicitação de problemas há muito carentes de discussão, e que têm ao longo dos processos de acomodação aos conflitos resultado no adoecimento de professores.

A discussão dos resultados teve o suporte do trabalho desenvolvido pelo grupo de pesquisa Ethos. As análises mostraram que os professores, de fato, vivenciam dilemas no cotidiano escolar. No entanto, sentem uma “dor” não identificada que parece existir, em seu interior, quando na realidade são fatores externos que a provocam. Concluiu-se, que esses resultados sugerem a falta de uma orientação para o enfrentamento dos dilemas éticos e evidenciam a fragilidade que os professores enfrentam decorrente dessa falta de orientação. Espera-se que este artigo contribua para as práticas pedagógicas dos professores envolvidos pela temática em questão.

Espera-se, ainda, com este trabalho contribuir para novas pesquisas sobre o assunto que se mostrou relevante e cuja abrangência não foi esgotada, merecendo por isso mesmo

novas investigações, com o sentido de evoluir para resolver o problema dos dilemas éticos vivenciados por professores da Educação Básica, cuja formação e ou formação continuada não tem contemplado tal temática emergente da sociedade atual.

Referências

- BARDIN, L. *Análise de Conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 2010.
- BAUMAN, Z. *Ética pós-moderna*. São Paulo: Paulus, 1997.
- BOGDAN, R.C.; BIKLEN, S. K. *Investigação qualitativa em Educação: uma introdução à teoria e aos métodos*. Porto: Portugal, 1994.
- CÂMARA, R.H. Análise de conteúdo: da teoria à prática em pesquisas sociais aplicadas às organizações. *Gerias Rev. Interinst. Psicol.*, v.6, n.2, p.179-191, 2013.
- CAMPOS, C.J.G. Método de Análise de Conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. *Rev. Bras. Enferm.*, v.57, n.5, p. 611-614, 2004.
- CHEVALLARD, Y. *Approche anthropologique du rapport au savoir et didactique des mathématiques*. 2002. Disponível em: <http://yves.chevallard.free.fr/spip/spip/IMG/pdf/Approche_anthropologique_rapport_au_savoir.pdf>. Acesso em: 27 abr. 2020.
- FREIRE, P. *A Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2001.
- HOSSEINI, K. *O caçador de pipas*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.
- KIDDER, R.M. *Como tomar decisões difíceis: muitas vezes na vida você tem de escolher entre o certo e o certo*. São Paulo: Gente, 2007.
- MINAYO, M.C.S. Amostragem e saturação em pesquisa qualitativa: consensos e controvérsias. *Rev. Pesq. Qualit.*, v.5, n.7, p.1-12, 2017.
- MORIN, E. *O Método 6: ética*. Porto Alegre: Sulina, 2011.
- OLIVEIRA, E.C. *A Pedagogia da Autonomia*. São Paulo: Paz e Terra, 2002.
- SANCHEZ VAZQUEZ, A. *Ética*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999.